NÚCLEO DE IMPRENSA E COMUNICAÇÃO

PET MANIA

Siga as redes
Jornal Pet Mania

(21) 97572-3391
@jornalpetmania
Jornal Pet Mania
@jornalpetmania
@jornal.pet.mania

Edição 02 - Ano 1 - Junho 2025.

O jornal de quem ama os animais

Distribuição Gratuita



Hora do passeio!

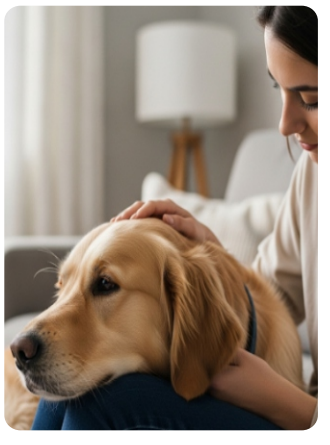
Especialista compartilha dicas e cuidados para um passeio seguro e especial

PÁGINA 4

De Abrigo a Negócio: Como a Creche Bardot Pet Transformou Amor aos Animais em Empreendedorismo

PÁGINA 6





Animal de suporte emocional não é igual a cão-guia: STJ define limites para embarque em aviões

PÁGINA 8



EDITORIAL

Dr. Patrick Araujo
CRMV/RJ: 15.862

Sabe a camada de ozônio? Essa mesmo que você está pensando – aquela que fica lá na estratosfera nos protegendo dos raios UV. Esse mesmo ozônio pode ser usado no seu pet para tratar doenças e feridas! Confira detalhes na nossa matéria principal. Trouxemos veterinários e especialistas do comportamento canino para colaborar – e enriquecer – nesta edição. Como sempre, nosso Mural da Fofura trazendo uma nova celebridade e nossos colunistas sempre afiados! Já ia me esquecendo... Lamber feridas faz cicatrizar mais rápido?

PET MANIA
O jornal de quem ama os animais

EXPEDIENTE

O JORNAL PET MANIA é uma publicação do NIC
Núcleo de Imprensa e Comunicação | Jornalista Responsável
Norton Gabriel Torres RG Mte: 34.442/RJ
Ltda - CNPJ nº 58.276.226/0001-08

Editor Responsável: Patrick Araujo
CRMV/RJ: 15.862

Jornalista: Isabel Araujo – RG MTe:44.703/RJ

Colaboradores:
Dra. Aline Makiejczuk| Gabriel Marinho
Dra. Pamela Maluf | Dário Michael

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião deste jornal.

Assessoria e Consultoria em casos de:

Guarda compartilhada de animais
Animais em condomínios
Maus - tratos
Erro médico veterinário
Alimentos contaminados

P.A.F VETERINÁRIA FORENSE

@paf_vetforense

(21) 98237-7820

Guarda compartilhada de pets: reforma do Código Civil quer oficializar a divisão de cuidados

Nova proposta em debate no Congresso prevê que ex-cônjuges compartilhem a convivência e os custos dos animais após a separação; especialistas criticam redação e destacam avanços.



Uma proposta de reforma do Código Civil, atualmente em tramitação no Congresso Nacional, quer formalizar uma espécie de "guarda compartilhada" de pets.

A ideia é garantir que, em casos de separação, ambos os ex-companheiros possam dividir não só a companhia, mas também as despesas relacionadas aos animais de estimação. O projeto, apresentado pelo senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), busca incorporar à legislação uma prática que já vem sendo reconhecida por tribunais brasileiros, como o Tribunal de Justiça de São Paulo, que desde 2018 aceita decisões nesse sentido. No entanto, nem tudo são flores. O advogado André Luiz Pignatari Filho considera que o texto está “mal redigido”. Segundo ele, a proposta não esclarece se o compartilhamento dos custos será uma obrigação — que precisa ser cumprida — ou apenas um direito, ou seja, algo que pode ou não ser exercido. “Se for só um direito, a norma seria desnecessária”, ressalta Pignatari, que também critica a pressa com que o anteprojeto foi elaborado. Outro especialista, o advogado Luca d'Arce Giannotti, questiona a necessidade de intervenção judicial nesse tipo de situação. Para ele, a previsão de guarda compartilhada de animais na reforma amplia o grau de interferência do juiz na vida privada das pessoas. "Não me parece que é um tipo de coisa que precisaria ser arbitrada por um juiz", pontua.

‘’Não me parece que é um tipo de coisa que precisaria ser arbitrada por um juiz."

Por outro lado, defensores da mudança destacam que ela atualiza o Código Civil e reforça entendimentos já consolidados no Judiciário. O projeto foi elaborado por uma comissão composta por 38 juristas, sob a coordenação do ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ), Luis Felipe Salomão, e protocolado no Congresso em 31 de janeiro. Entre as novidades, o texto cria uma seção específica no Código dedicada aos animais. A proposta passa a classificá-los como seres sencientes — ou seja, capazes de sentir — e, por isso, merecedores de proteção jurídica própria. O texto reconhece a "natureza especial" dos pets e prevê, inclusive, que uma futura lei será elaborada para tratar do tratamento físico e ético adequado dos animais.

"Nós estamos colocando que o animal é um ser senciente em linha com o que acontece hoje nas principais regulamentações do mundo. Ele não existe apenas como objeto.", afirma o ministro Luis Felipe Salomão. Outro ponto importante do projeto é a previsão de indenização por danos morais para quem sofrer prejuízos emocionais relacionados ao seu animal. Isso está no artigo 927 da proposta. Já o artigo 936 estabelece que o tutor será responsável — independentemente de culpa — pelos danos causados pelo pet, exceto se conseguir provar que houve culpa da vítima. Atualmente, os animais já são protegidos por diversas normas. A Constituição estabelece a obrigação de proteger a fauna, enquanto a Lei de Crimes Ambientais define punições para maus-tratos. Além disso, o tema é constantemente debatido no Supremo Tribunal Federal e em outras instâncias do Judiciário.

Chronus



Hora do passeio! Especialista compartilha dicas e cuidados para um passeio seguro e especial

Adestrador **Gabriel Marinho** explica por que o passeio com o cachorro começa dentro de casa, fala dos riscos do calor e reforça: "passear com cachorro solto na rua não é ó imprudência — é ilegal".

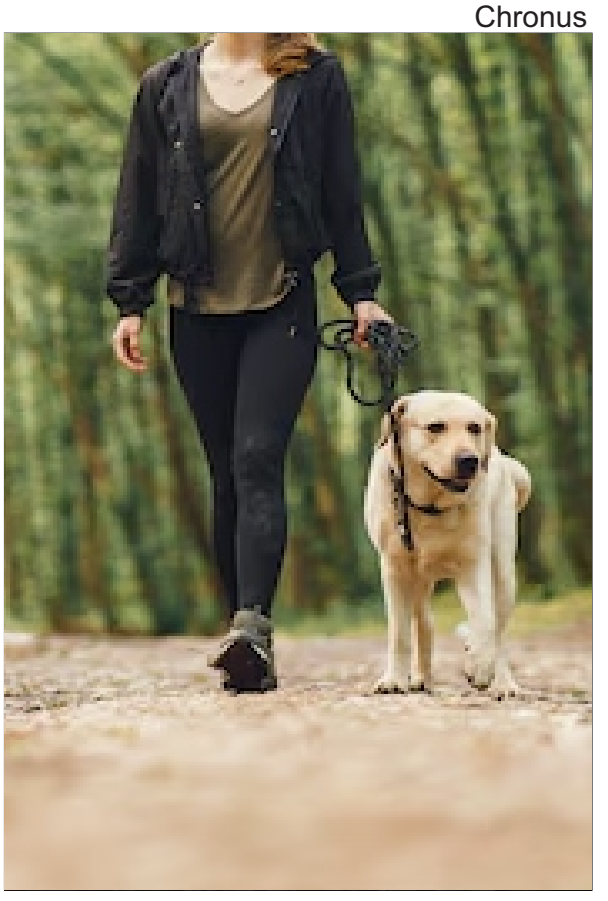
Todo tutor de cachorro já viveu a cena: é pegar a coleira e o pet já começa a pular de empolgação. Mas será que esse é o jeito certo de começar um passeio? Para o adestrador de cães Gabriel Marinho, o passeio ideal começa antes mesmo de sair de casa — e exige muito mais do que só disposição. "Quando você pega a coleira e seu cachorro já vem pulando e latindo, ele entende que passeio é sinônimo de agitação. Aí você já perdeu o controle antes mesmo de abrir a porta", explica Gabriel. Segundo ele, o ideal é dessensibilizar o cão a esse momento. "Pegue a coleira várias vezes ao dia e apenas coloque e tire, sem sair. Isso ensina que a coleira não significa sempre diversão, e o cão se acalma." E esse é apenas o começo. Uma das principais preocupações, segundo o adestrador, é o horário do passeio.

"Nunca levo depois das 10h da manhã e antes das 16h. O chão está quente demais e pode queimar as patas dos cães." Para quem não tem outra opção de horário, Gabriel recomenda buscar áreas arborizadas e com sombra. Tutores de cães braquicefálicos — como bulldogs e pugs — devem ficar ainda mais atentos. "Esses cães têm mais dificuldade respiratória. Se durante o passeio ele começa a travar, querer deitar, andar devagar, pare e espere. E atenção: nunca dê água gelada para um cão muito quente, isso pode causar uma torção gástrica." Outro ponto polêmico abordado por Gabriel é o uso de guia unificada — conhecida popularmente como enforcador. Apesar da má fama, ele defende o acessório, desde que bem utilizado. "O problema não é o equipamento, é como se apresenta. Eu gosto de associar a guia à hora da alimentação, para o cão não ter medo do toque dela."

A lei é clara: cachorro deve estar na guia

Um dos pontos mais enfáticos do adestrador foi sobre a obrigatoriedade de manter o cão preso à guia durante o passeio. Ele cita a Lei Estadual nº 2.574, de 1997, que obriga o uso da coleira em locais públicos no estado do Rio de Janeiro. "Por mais bem treinado que seja, uma hora um estímulo será mais forte que o vínculo com o tutor. Pode ser uma cadela no cio, um gato correndo, um som... e aí o cão corre perigo e coloca outros também em risco." Gabriel lembra que cães soltos podem ser atropelados, atacar outros cães, causar acidentes ou provocar medo em pessoas com fobia. "Tem gente que acha que só porque o cachorro é dócil, ele pode andar solto. Mas e se ele corre até uma pessoa com medo de cães? Pode gerar uma crise de pânico. Não é só sobre você, é sobre respeitar o outro." E não para por aí. Para Gabriel, passear com responsabilidade também inclui identificação. "Hoje existem coleiras de identificação feitas em plástico, sem barulho, resistentes. Se o seu cachorro se perder, ela pode ser a única forma de garantir que ele volte pra casa."

Chronus





Seu cão parou de **comer?** Entenda o que pode estar por trás da **perda de apetite**

Problemas de saúde, dor, mudanças na rotina e até luto podem estar ligados à falta de apetite dos cães. Médica veterinária **Dra. Aline Makiejczuk** explica quando se preocupar e como ajudar seu pet a voltar a se alimentar.

É comum que tutores fiquem aflitos ao ver que seu cão perdeu o interesse pela comida. Mas, apesar de ser um sinal importante, a inapetência nem sempre indica um problema grave — pelo menos não de imediato. Em entrevista ao Jornal Pet Mania, a médica veterinária Aline Makiejczuk esclarece o que pode estar por trás da falta de apetite dos cães e quando é hora de buscar ajuda com urgência.

“O gatilho pode ser emocional, mas as consequências são físicas e perigosas se não tratadas.”

De acordo com Aline, o sintoma é bastante frequente nas clínicas veterinárias e pode ter múltiplas causas: problemas renais, hepáticos, gastrointestinais, dor em qualquer parte do corpo, além de questões emocionais, como o luto ou mudanças na rotina familiar. "Pacientes com dor abdominal ou dor no sistema locomotor, por exemplo, também podem recusar comida. E há ainda os casos em que o animal perdeu alguém querido — seja outro pet ou um tutor. Essas alterações emocionais afetam o apetite", explica.

Quando o problema é grave?

Embora a falta de apetite em si não seja uma emergência, Aline destaca que ela pode ser o primeiro sinal de algo mais sério. “Sozinha, a inapetência não costuma colocar o animal em risco iminente de morte, mas pode ser o começo de uma condição que sim, pode evoluir para algo grave”, alerta a veterinária. Por isso, o ideal é observar se há outros sintomas associados, como vômitos, diarreia, letargia ou perda de peso. Se o cão deixar de comer por mais de um ou dois dias e apresentar outros sintomas, o tutor deve procurar um veterinário o quanto antes. Isso é ainda mais importante em filhotes, cães idosos ou com doenças crônicas, que têm menor resistência.

Como ajudar o cão a voltar a comer?

Aline explica que o tratamento depende da causa do problema. Em casos de feridas ou doenças, como problemas renais ou infecções, é essencial identificar e tratar a condição primária. “Se a causa for uma ferida, é preciso tratar essa lesão, controlar a dor e cuidar da cicatrização. No caso de doenças, o animal só vai voltar a se alimentar ao longo do tratamento, conforme o quadro for estabilizado”, diz a veterinária. Já em situações comportamentais, o tutor deve estar atento aos sinais de tristeza ou estresse emocional. Mudanças na rotina, viagens, separações ou perda de companheiros (humanos ou animais) podem afetar profundamente o bem-estar do pet. “Às vezes o gatilho foi emocional, mas o tempo sem se alimentar leva a problemas físicos reais. O mais comum é no gato, que pode desenvolver lipidose hepática se ficar dias sem comer”, comenta. Aline reforça que mesmo quadros comportamentais exigem avaliação veterinária. Isso porque, com o tempo, a desnutrição pode gerar complicações graves e até fatais, principalmente em felinos.

O papel do tutor

Nos casos comportamentais, além do cuidado médico, o tutor pode ajudar promovendo um ambiente acolhedor, oferecendo atenção e até ajustando a rotina. Mudanças simples, como maior interação, brinquedos novos ou adaptação do ambiente, podem ajudar a estimular o apetite.

De Abrigo a Negócio: Como a Creche Bardot Pet Transformou Amor aos Animais em Empreendedorismo

Criada para garantir o bem-estar de cães e proporcionar tranquilidade aos tutores, a **Bardot Pet** oferece creche e hospedagem com estrutura acolhedora e atividades que estimulam a socialização e o bem-estar dos pets.

Divulgação: **Bardot Pet**



‘’A ideia surgiu para que eu não precisasse me desfazer dos cães que resgatei.”

Foi com essa frase sincera que Dário Michael, proprietário da Bardot Pet, resumiu o nascimento de sua creche e hospedagem para cães. O que começou como uma solução para manter os animais resgatados e garantir o sustento deles, se transformou em um espaço acolhedor e familiar, onde os pets podem brincar, socializar e até mesmo "se hospedar" enquanto os tutores viajam ou trabalham. Dário relata que a ideia partiu de uma necessidade pessoal: “Resgatei vários cachorros e as pessoas que disseram que ajudariam acabaram me abandonando. Eu sabia que, no futuro, não teria como pagar todas as contas sozinho. Então pensei: ou arrumo um jeito ou eles acabariam em abrigos.” Foi assim que, com a ajuda de duas amigas, nasceu a Bardot Pet. Mais do que uma fonte de renda, a creche se tornou um verdadeiro segundo lar para muitos cães. O espaço foi pensado para que os pets se sintam em casa. “Por isso colocamos sofá, cozinha, televisão... como se fosse a casa da avó, do avô ou da tia”, brinca Dário.

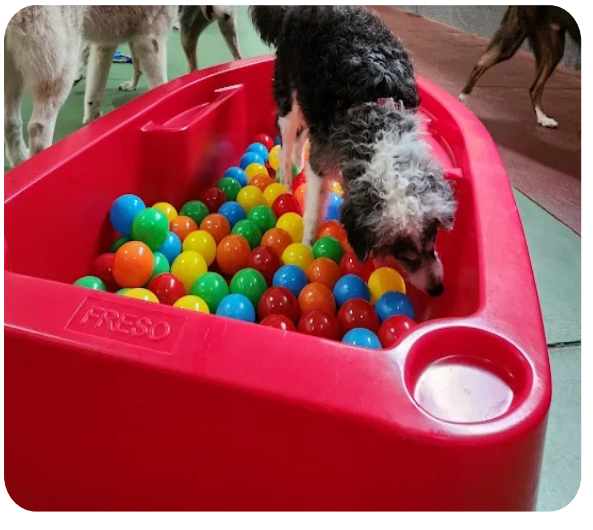
Cachorros bravos ou com temperamento difícil

A segurança é prioridade na Bardot Pet. Por isso, há critérios rigorosos na aceitação dos cães: carteira de vacinação em dia, boa saúde e comportamento sociável. “Nós socializamos cães tímidos e medrosos, mas não aceitamos cães agressivos ou ferozes”, reforça Dário.

O espaço também não recebe cães idosos, por precaução com possíveis complicações de saúde, salvo raras exceções. Além disso, algumas raças são restritas, especialmente aquelas de porte muito grande ou com comportamento mais difícil, como pitbull, pastor alemão, Weimaraner e Cane Corso. “São cachorros potentes e, se houver uma briga, é muito difícil separá-los”, justifica. Na creche, os cães são sempre monitorados por monitores e veterinários. Os de porte pequeno são separados dos maiores, o que minimiza o risco de acidentes. A hospedagem funciona para estadias de até 30 dias, mas Dário admite que, em casos especiais, há certa flexibilidade. “Toda regra tem sua exceção”, diz ele, sempre mantendo o foco no bem-estar dos animais.

Na Bardot Pet, o amor pelos animais se transformou em uma iniciativa empreendedora que atende tanto às necessidades dos cães quanto às preocupações dos tutores. Um verdadeiro exemplo de como acolhimento e profissionalismo podem caminhar juntos para proporcionar qualidade de vida aos pets e tranquilidade aos seus donos.





OZONIOTERAPIA

Médica-veterinária **Dra. Pamela Maluf** explica como o uso do ozônio vem revolucionando tratamentos em animais, com benefícios que vão desde a cicatrização até o fortalecimento do sistema imunológico.



O que é o Ozônio?

Segundo a especialista, o ozônio é um gás composto por três átomos de oxigênio, o mesmo que forma a famosa camada de ozônio que protege a Terra dos raios UV. No tratamento, ele é produzido por um gerador que transforma o oxigênio puro em ozônio, permitindo diversas aplicações terapêuticas. “O que acontece é que, ao ser aplicado, o ozônio provoca uma oxidação controlada, liberando radicais livres que estimulam a produção de antioxidantes naturais pelo organismo. Isso melhora a circulação, reduz inflamações e fortalece a imunidade”, explica a veterinária.

Técnicas de aplicação da ozonioterapia

As formas de aplicação são variadas: podem ser feitas por fluidoterapia, via oral, intramuscular, subcutânea, auto-hemoterapia, insuflação em bolsas (bagging), entre outras. “Só um profissional habilitado pode determinar a via correta, além da dose ideal de oxigênio e ozônio para cada caso”, alerta.

“O ozônio tem ação anti-inflamatória, analgésica, germicida, fungicida e ainda atua como modulador do sistema imunológico.”

A ozonioterapia vem ganhando cada vez mais espaço na medicina veterinária como uma técnica eficaz e segura para o tratamento de diversas doenças. A médica-veterinária e especialista em ozonioterapia, Dra. Pamela Maluf , explica que o procedimento consiste na aplicação de uma mistura de oxigênio com gás ozônio para promover efeitos terapêuticos. “O ozônio tem ação anti-inflamatória, analgésica, germicida, fungicida e ainda atua como modulador do sistema imunológico”, resume Pamela, destacando o grande potencial da técnica.

Indicações para a ozonioterapia

A ozonioterapia é indicada para uma extensa lista de condições: desde a cicatrização de feridas e queimaduras, passando por doenças ortopédicas como artrose e lesões na coluna, até problemas dermatológicos, renais, autoimunes, vasculares, oftálmicos e neurodegenerativos. “Ela acelera a cicatrização de feridas porque estimula a regeneração celular e também alivia dores musculares, sendo excelente para o tratamento de doenças crônicas como artrite e problemas respiratórios”, explica Pamela. Outro benefício importante está na sua ação antimicrobiana, podendo ser utilizada para desinfetar feridas. “Usamos o 'bagging', que consiste em colocar, por exemplo, um membro lesionado e infectado dentro de uma bolsa, onde o ozônio é inserido para agir como fungicida, viricida e antibacteriano”, detalha a médica-veterinária. Além disso, a técnica auxilia no tratamento de doenças como otite externa, fístulas com abscesso e piodermites. “É uma terapia complementar que melhora a qualidade de vida dos animais, com efeitos rápidos e eficazes, sempre respeitando as especificidades de cada paciente”, destaca. Por fim, Pamela lembra que para atuar com ozonioterapia o profissional deve se capacitar por meio de cursos específicos, garantindo segurança e eficiência no tratamento. Com tantos benefícios e aplicações, a ozonioterapia se consolida como uma aliada poderosa na medicina veterinária, proporcionando mais saúde e bem-estar aos nossos amigos de quatro patas.



Benefícios da Ozonioterapia

Ação analgésica e antiinflamatória:
Ajuda a reduzir a inflamação, aliviando a dor e melhorando a qualidade de vida dos animais que sofrem de condições inflamatórias.

Aceleração da Cicatrização:
O ozônio pode estimular a regeneração celular, promovendo a cicatrização mais rápida de feridas e lesões.

Aumento da Imunidade:
A ozonioterapia pode fortalecer o sistema imunológico, ajudando os animais a combater infecções e doenças.

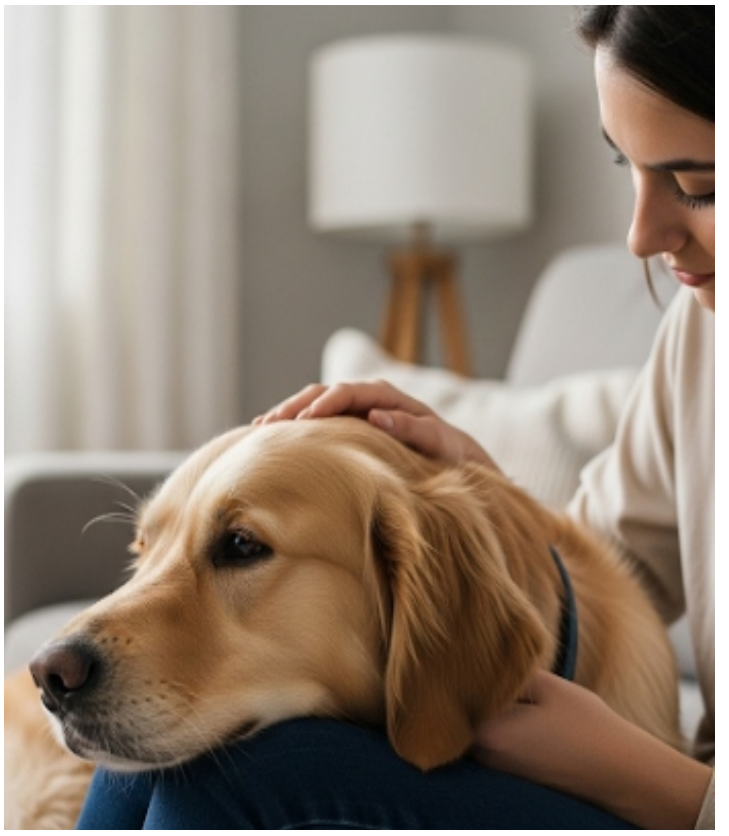
Melhora na Circulação Sanguínea:
O tratamento pode aumentar a oxigenação dos tecidos, melhorando a circulação e a saúde geral do animal.

Tratamento de Doenças Crônicas:
A ozonioterapia tem sido utilizada como uma terapia complementar em casos de doenças crônicas, como artrite, doença renal crônica e problemas respiratórios.

Desinfecção:
O ozônio possui propriedades antimicrobianas, podendo ser utilizado para desinfetar feridas e prevenir infecções. Além disso, ela trata casos de otite externa, fístula com abscesso e piodermite.

Animal de suporte emocional não é igual a cão-guia: STJ define limites para embarque em aviões

Foto: Gemini



Decisão do Superior Tribunal de Justiça reforça que apenas cães-guia têm presença garantida na cabine, enquanto outros animais dependem das regras definidas pelas companhias aéreas.

O Superior Tribunal de Justiça (STJ) decidiu que animais de suporte emocional não podem ser equiparados aos cães-guia, e, por isso, não possuem o direito automático de viajar com seus tutores nas cabines de aviões, seja em voos nacionais ou internacionais. Segundo a Quarta Turma do STJ, essa diferenciação é necessária porque os cães-guia passam por treinamento rigoroso, possuem controle sobre suas necessidades fisiológicas e são devidamente identificados, como determina a Lei nº 11.126/2005. Já os animais de suporte emocional, embora tenham importância terapêutica, não se submetem às mesmas exigências legais e técnicas. A inexistência de uma legislação específica para os animais de suporte emocional dá liberdade às companhias aéreas para estabelecer as regras sobre o transporte de bichos de estimação, não sendo obrigadas a permitir que esses animais viajem na cabine, especialmente se não forem cães-guia, ultrapassarem os limites de peso e altura ou não estiverem em caixas apropriadas", explicou a ministra Isabel Gallotti, relatora do caso.

O julgamento analisou a situação de uma companhia aérea que contestou decisão anterior, a qual havia autorizado, de forma vitalícia, que dois cães considerados "terapeutas emocionais" viajassem com seus donos na cabine em voos nacionais e internacionais. Os tutores afirmaram que os cães eram essenciais para o tratamento de doenças psicológicas e psiquiátricas. O tribunal estadual, inicialmente, havia entendido que, apesar das normas padronizadas da empresa para transporte de animais, seria possível flexibilizar essas regras, com base nos princípios da razoabilidade e proporcionalidade. Defendeu ainda a possibilidade de aplicar por analogia a Resolução 280/2013 da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), que regula o transporte de cães-guia.

Limites para transporte de animais na cabine

A ministra Isabel Gallotti ponderou que, embora as companhias normalmente aceitem transportar animais domésticos na cabine, essa permissão está condicionada a exigências sanitárias e de segurança: há limites de peso e é obrigatório o uso de caixas apropriadas.

A única exceção, segundo ela, são os cães-guia. Esses podem viajar sem restrição de peso e não precisam ser transportados em caixas, conforme prevê a legislação. "Se não for um animal de pequeno porte — até 10 kg — nem um cão-guia, e não havendo uma exceção aberta pela companhia aérea, o transporte deve ser feito no porão da aeronave, dentro de caixas adequadas para esse fim", frisou a ministra. Ela também destacou que o simples fato de o tutor apresentar um atestado atestando a função terapêutica do animal não é suficiente para alterar as obrigações do contrato firmado com a companhia aérea. Além disso, uma intervenção judicial nesses casos poderia comprometer a segurança dos voos, que seguem regras rigorosas, como o uso obrigatório de cintos de segurança (inexistentes para animais) e a necessidade de manter todos os pertences guardados em bagageiros ou sob as poltronas, especialmente em pousos, decolagens e momentos de turbulência. Apesar de reconhecer a importância emocional desses animais para seus donos e de se solidarizar com as dificuldades do transporte no porão, a ministra foi categórica: "Não há nenhuma exceção que justifique a interferência judicial para obrigar as companhias a permitir o transporte, na cabine, de animais que excedam os limites de peso e altura, sem que sejam cumpridas todas as condições previstas." Por unanimidade, os ministros acompanharam o voto da relatora e deram provimento ao recurso da companhia aérea, julgando improcedente o pedido dos passageiros.

Foto: Gemini



Cães de suporte emocional: os terapeutas de quatro patas que transformam vidas

Psicóloga explica como esses animais auxiliam no tratamento de transtornos psicológicos, promovendo **bem-estar** e **qualidade** de vida.

Em tempos em que o debate sobre saúde mental nunca esteve tão em alta, cresce também a compreensão sobre o papel fundamental dos cães de suporte emocional. Diferente dos tradicionais cães-guia, que recebem treinamento específico para auxiliar pessoas com deficiência visual, os cães de suporte emocional exercem uma função mais afetiva do que prática: eles são essenciais para a estabilidade emocional de seus tutores.

O que é um cão de suporte emocional?

"Esses cães não são apenas companheiros leais — eles exercem uma função terapêutica fundamental no bem-estar de pessoas que enfrentam transtornos emocionais ou psicológicos", explica a psicóloga e jornalista Isabel Araujo, do Jornal Pet Mania. O diferencial desses animais está justamente no vínculo afetivo. Eles não precisam passar por adestramento especializado, como ocorre com os cães de serviço. Sua missão principal é proporcionar conforto, segurança e estabilidade emocional, especialmente em casos de ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e outras condições semelhantes.

Como eles ajudam?

Segundo Isabel, a presença desses cães gera benefícios concretos no organismo humano. "A presença constante de um animal que transmite afeto incondicional ajuda a reduzir os níveis de cortisol, o hormônio do estresse, e aumenta a produção de serotonina e dopamina, substâncias ligadas ao bem-estar", afirma.Além do impacto bioquímico, Isabel enfatiza que os cães de suporte emocional são um importante estímulo para a criação de rotinas saudáveis. "Eles combatem o isolamento social e proporcionam um senso de propósito, algo valioso para quem lida com questões emocionais", acrescenta.

É preciso algum laudo?

Mas atenção: para que um cão seja oficialmente reconhecido como de suporte emocional, é necessário apresentar um laudo emitido por um profissional da saúde mental, como psicólogo ou psiquiatra. Esse documento atesta que a presença do animal é indispensável para a estabilidade emocional do paciente. Isabel ressalta que o reconhecimento desses animais como aliados terapêuticos ainda precisa ser mais difundido. "Afinal, amor, companhia e acolhimento são, muitas vezes, os melhores remédios", conclui, com sensibilidade. Em um mundo cada vez mais acelerado e ansioso, os cães de suporte emocional se firmam como verdadeiros terapeutas de quatro patas, oferecendo equilíbrio e qualidade de vida a quem mais precisa.

"A presença de um animal que transmite afeto incondicional ajuda a reduzir os níveis de cortisol e aumenta a serotonina e a dopamina."





Por que seu gato te segue pela casa?
A resposta vai além da curiosidade!

A ciência explica: gatos acompanham seus tutores por diversos motivos que vão do afeto à rotina — e, em alguns casos, até por ansiedade. Entenda o que está por trás desse comportamento felino tão comum.

Foto: Gemini



Se você tem um gato em casa, é bem provável que já tenha vivido a cena: vai para a cozinha, lá está ele; vai ao banheiro, ele aparece; vai pro quarto, lá vem ele de novo. Mas afinal, por que os gatos insistem em seguir seus tutores pela casa? Embora pareçam independentes, os felinos têm muito mais apego do que imaginamos — e a ciência tem algumas respostas para isso. Apesar de serem solitários por natureza, diferentemente dos cães, os gatos domésticos passaram por transformações comportamentais ao longo dos anos devido à convivência com os humanos. Estudos recentes mostram que essa mudança tem tudo a ver com o vínculo emocional que eles desenvolvem conosco.

Um laço afetivo real

Pesquisadores da Universidade Estadual do Oregon descobriram que gatos criam laços afetivos com seus tutores comparáveis aos vínculos entre bebês e seus cuidadores. O estudo, liderado por Kristyn Vitale em 2019, revelou que mais de 65% dos gatos demonstram comportamento de apego seguro: sentem-se inseguros na ausência do tutor e, quando reencontram a pessoa, buscam reatar o contato. Em outras palavras, para o gato, estar perto de quem cuida dele é uma forma de sentir segurança, conforto e proteção — muito parecido com o comportamento de uma criança pequena perto dos pais.

Curiosos e atentos à rotina

Além do afeto, a curiosidade também tem um papel importante. Gatos são observadores natos. Eles prestam atenção em cada detalhe da nossa rotina e rapidamente associam gestos e sons com algo do interesse deles. Sabe quando você abre a geladeira e seu gato aparece? Isso não é coincidência. Um estudo publicado no Journal of Veterinary Behavior mostrou que os felinos aprendem a associar certas ações humanas com momentos agradáveis, como a hora de comer ou brincar. John Bradshaw, etólogo da Universidade de Bristol, defende que a domesticação ao longo dos séculos levou os gatos a desenvolverem habilidades sociais específicas para conviver com humanos. Eles passaram a ver os tutores como parte da "colônia", alguém que oferece carinho, segurança — e comida, claro.

Quando o apego vira ansiedade

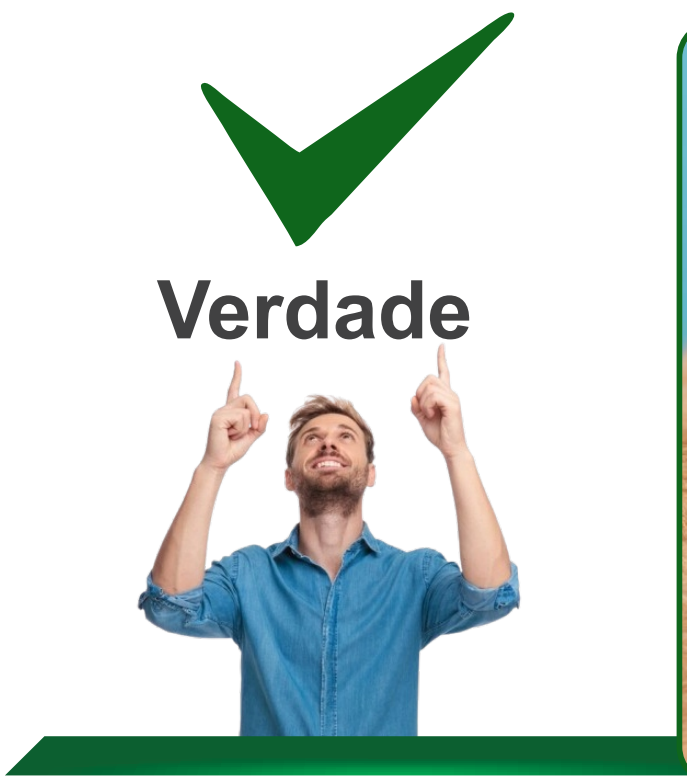
Em alguns casos, esse comportamento de seguir o tutor pode indicar algo mais sério: ansiedade de separação. Embora seja mais comum em cães, os gatos também podem desenvolver esse tipo de estresse, especialmente se o vínculo com o tutor for muito intenso. Segundo a American Veterinary Medical Association (AVMA), gatos que sofrem de ansiedade de separação podem apresentar sinais de angústia sempre que ficam sozinhos em casa. Nesses casos, seguir o tutor constantemente pode ser uma tentativa de se manter seguro e evitar a solidão. Se o seu gato mostra sinais de desconforto quando você sai de perto — como miados excessivos, agitação ou mudanças no apetite — é importante observar seu comportamento geral. Em situações persistentes, procurar orientação veterinária ou de um especialista em comportamento animal pode ser essencial. Seu gato pode te seguir por afeto, por hábito, por interesse... ou por tudo isso junto. O importante é entender que esse comportamento é, na maioria das vezes, um sinal de confiança e carinho.

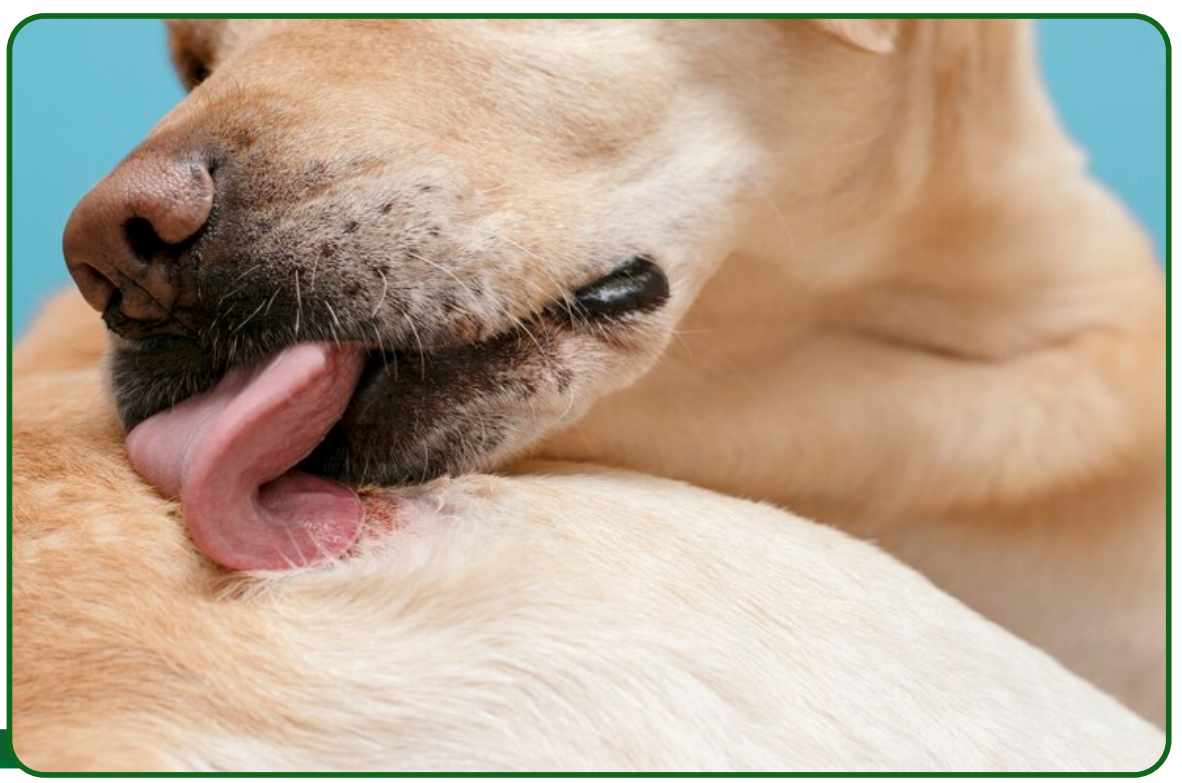
ABRICOM
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA E COMUNICAÇÃO
Av. Rio Branco 185 – 21º andar
Sala 2123 – Centro, Rio de Janeiro – RJ, 20040-902

Economia de tempo e recursos:
Diga adeus às horas gastas criando posts do zero ou contratando designers pontualmente. Com o Mídia Card, você tem um banco de conteúdo pronto para ser utilizado.
Saiba mais através:
21 98229-3577 Zap
mídia card

MITO OU VERDADE

Se o cachorro lamber a ferida, a ferida cicatriza mais rápido?





É bastante comum observar os cães lambendo suas feridas, e sim, esse comportamento tem fundamento biológico. De acordo com Patrick Araujo, médico-veterinário – e também nosso redator-chefe – esse hábito é instintivo e colabora com o processo de cicatrização por dois mecanismos distintos. O primeiro é de natureza física, estimulando o fluxo sanguíneo na região lesionada. O segundo é de ordem química, pois a lambida promove uma regeneração “de dentro para fora”.Essa eficácia está diretamente ligada à presença de uma substância chamada histatina, encontrada na saliva dos cães. A histatina atua combatendo micro-organismos e acelerando a regeneração do tecido cutâneo. Para Patrick, esse gesto não deve ser reprimido: "Precisamos permitir que eles se lambam. É parte da essência dos animais", ressalta o profissional. Os gatos, por sua vez, também possuem histatina em sua saliva, porém, há uma diferença notável: a ação mecânica das lambidas felinas tende a ser mais agressiva. Isso ocorre porque a língua dos gatos é repleta de pequenas estruturas rígidas e voltadas para trás, que os auxiliam em outras funções importantes como o banho, alimentação e até demonstrações de carinho. Porém, por conta dessa aspereza, as lambidas podem agravar lesões em vez de curá-las. De qualquer forma, mesmo com esse “tratamento natural”, é fundamental levar o pet ao veterinário sempre que houver cortes ou ferimentos visíveis.

Questão de higiene

Apesar do potencial cicatrizante da saliva, é preciso atenção, pois a lambida pode aumentar o risco de infecção da ferida, uma vez que a boca dos animais abriga uma grande diversidade de bactérias. Em alguns casos, o ideal é utilizar o colar elizabetano, para evitar que o animal piore o ferimento ao tentar se curar sozinho.

CURIOSIDADE SOBRE SALIVA ANIMAL

·**Saliva humana também ajuda:** Segundo uma publicação da Federation of American Societies for Experimental Biology (FASEB), a saliva de seres humanos também contém histatina, o que ajuda a explicar por que temos o instinto de colocar a mão machucada na boca.

·**Gatos e sua higiene pessoal:** Os felinos domésticos dedicam entre 8% e 15% do tempo ativo ao ato de se lamber. Essa rotina é essencial não apenas para limpeza, mas também para a regulação térmica do corpo.

·**O rei da babação:** O São Bernardo é o cachorro com maior produção salivar entre os cães. Ele costuma babar com frequência, principalmente durante a alimentação ou ao beber água.

·**Boca cheia de microrganismos:** Um estudo realizado com cães da raça Pastor Alemão e divulgado na revista *Ciência Rural* identificou mais de 672 espécies de bactérias na cavidade bucal desses animais. Entre elas, estão os gêneros *Pasteurella*, *Staphylococcus*, *Porphyromonas* e *Fusobacterium*.



COLUNA PSICOLOGIA & PET

Isabel Araujo

psicologia.isa

Você sabia que separar um pet de seu tutor pode **machucar** o **coração** dos dois?

Freepik



A relação entre um animal e seu humano é feita de afeto, confiança e presença diária. Quando essa conexão é interrompida à força — por mudanças, regras rígidas ou situações inesperadas — o sofrimento é mútuo. A presença do pet está associada à redução de cortisol (hormônio do estresse), melhora do humor e promoção da saúde emocional. Quem tem um bichinho sabe: eles viram parte da família rapidinho. Mas o que muita gente não imagina é que, quando um pet é separado do tutor à força, isso pode causar sofrimento de verdade.

O pet sente falta do cheiro, da voz, da rotina. Fica triste, ansioso, agitado, sem comer. O tutor, por sua vez, carrega um vazio difícil de explicar. Essa dor compartilhada vai além da saudade: ela pode afetar a saúde emocional e até física dos dois. Antes de tomar qualquer decisão que envolva separar esse laço, é preciso lembrar: para o pet, o tutor é tudo. E para muitos tutores, o pet também é.

PRÓXIMA EDIÇÃO
Julho 2025 - Edição 03
Versão Digital





Anuncie aqui!
(21) 97572-3391

Acesse: www.jornalpetmania.com



Entre Leis & Patas

Vamos inverter: animais na cabine e humanos no porão. Só assim para entenderem que animais não são bagagem.

A 4ª turma do STJ decidiu por unanimidade que animais de suporte emocional (ESAN) não se equiparam aos cães de trabalho e, por isso, o seu embarque na cabine está sujeito à aprovação pelas companhias aéreas. Resumindo, todos os animais – até os ESAN – acima de 10 kg irão parar no porão do avião. Junto com suas malas, suas compras e outros "objetos". Curioso que os animais podem – e muitas vezes são obrigados – a viajar no porão do avião, enquanto o criminoso mais hediondo – por ser um humano – não pode viajar no porão por ser "desumano e perigoso". Enfim, a hipocrisia.

Enquanto não houver uma reforma no Código Civil, os animais continuarão a figurar como meros objetos perante a lei (art. 82 do Código Civil). Se você está lendo esse jornal, presumo que goste de animais. Caso não goste, ainda assim, lhe convido para a seguinte reflexão: Os animais são organismos vivos, dotados de senciência – capacidade de sentir emoções – assim como nós humanos. Eles sentem medo, assim como nós. Imagine-se viajando sozinho num porão frio e escuro. Angustiante, né? Pois é isso que o judiciário e as companhias aéreas querem que seja feito com os animais.

MURAL DA FOFURA

Foto: @charlottemegam_barros



RAPIDINHAS

Tecnologia pet em alta

Coleiras com GPS, comedouros automatizados e aplicativos de monitoramento de saúde são algumas das inovações que vêm ganhando espaço nas casas brasileiras, permitindo acompanhar em tempo real atividade física, alimentação e até níveis de ansiedade dos pets.

Cães farejadores de câncer

Estudos em andamento demonstram que cães conseguem identificar compostos voláteis específicos associados a tumores em amostras clínicas, apontando para o futuro uso de auxiliares caninos em triagens diagnósticas, embora ainda em fase experimental.

Alta obesidade em pets

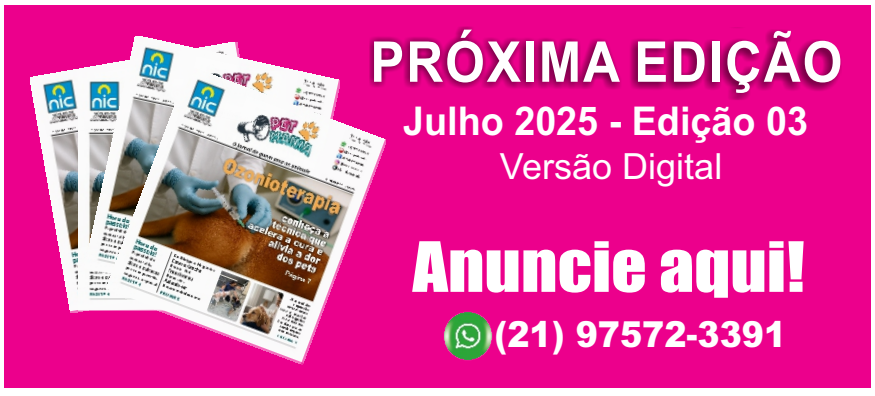
Pesquisa recente aponta que mais de 40% dos cães e gatos no Brasil estão acima do peso, um quadro que eleva o risco de doenças crônicas e reduz a expectativa de vida dos animais.

Alta obesidade em pets

Desde 17 de abril de 2025, o Sistema do Cadastro Nacional de Animais Domésticos (SinPatinhas) fornece um "RG Animal" gratuito para cães e gatos, com opção de microchipagem para facilitar a devolução de animais perdidos; o registro é voluntário, mas obrigatório para quem se beneficia de programas públicos de castração e microchipagem.

Hospedagem e saúde Pet em alta

Creches, hotéis, spas e academias para pets estão se tornando cada vez mais frequentes na rotina de tutores e pets. Por este motivo, o egmento de serviços personalizados cresce para atender tutores que querem mais praticidade no dia a dia. A expectativa é que o faturamento desse nicho cresça 18% em 2025.



Acesse: www.jornalpetmania.com